

A morte na antiguidade e na contemporaneidade em Sêneca e Ariès

Death in antiquity and contemporaneity in Seneca and Ariès

La mort en antiquite et contemporaneite en Sénèque et Ariès

Mariana Goron Tasca¹

Recebido em: 09/07/2020

Aprovado em: 14/07/2020

*“Nenhum homem sábio deixará de se espantar com a cegueira do espírito humano.”
Sêneca, Sobre a Brevidade da Vida*

Resumo: Tema inequivocamente presente no pensamento da civilização, a Morte não se deixa domar. Sempre presente, em suas várias faces, é a grande impulsionadora do desenvolvimento da humanidade. Pretende-se aqui, uma reflexão a respeito dos rumos do entendimento e do significado da Morte. Terá ela mudado na sua relação com o homem? Estará ela mais presente, ou ao contrário, mais distante em uma espécie de anti-naturalidade em comparação como era percebida e tolerada na antiguidade? Para este intento será feita uma breve visitação ao período final do estoicismo, através das ideias de Sêneca, a seguir através de filósofos e historiadores chegar-se há aos dias de hoje com o pensamento de Hans Jonas. Na gênese de suas ideias percebe-se certo alinhamento com alguns aspectos do estoicismo Romano, embora vá mais além.

Palavras-Chave. *Arriès; Estoicismo; Morte; Sêneca.*

Abstract: Unmistakably present in the thought of civilization, Death does not allow itself to be tame. Always present, in its various faces, it is the great impeller of the development of humanity. It is intended here, a reflection on the direction of the understanding and meaning of Death. Has it changed its relationship with man? It is more present, or on the contrary, more distant in a kind of anti-naturalness in comparison as it was perceived and tolerated in antiquity? For this purpose a brief visitation will be made to the final period of Stoicism, through the ideas of Seneca, then through philosophers and historians, as in the case of Ariès, to come this day with the thought of Hans Jonas. In the genesis of his ideas one perceives a certain alignment with some aspects of the Roman Stoicism, although it goes further.

Keywords. *Arriès; Stoicism; Death; Seneca.*

Sommaire: Indéniablement présente dans la pensée de la civilisation, la Mort ne se laisse pas apprivoiser. Toujours présente, sous ses diverses faces, c'est le grand élan du développement de l'humanité. Il s'agit ici d'une réflexion sur le parcours de la compréhension et de la signification de la Mort. A-t-elle changé dans sa relation avec l'homme? Est-elle plus présente, ou au contraire, plus éloigné dans une un état d'anti-naturalité par rapport à la façon dont elle était perçue et tolérée dans l'antiquité? A cet effet, une brève tournée sera faite à la période finale du stoïcisme, à travers des idées de Sénèque, puis à travers des philosophes et historiens, en arrivant actuellement avec la réflexion de Hans Jonas. Dans la genèse de ses idées, il y a un certain alignement avec certains aspects du stoïcisme romain, même si cela va plus loin.

Mots-clés. *Arriès; Stoïcisme; Mort; Sénèque.*

¹ Doutorado em Filosofia pela Pontifícia e Universidade Católica PUC – São Paulo. Contato: marianatasca@terra.com.br / <http://orcid.org/0000-0003-0140-9396>.

Introdução

Para um tema tão vasto e de tantas implicações como o da Morte, fica-se tentado a ampliar a abrangência da pesquisa, o que pode ocasionar perda de objetividade e divagações. Assim sendo será mantida uma limitação não em termos temporais, mas sim de pertinência ao aspecto limítrofe que nos interessa neste tema, o significado da morte. Refletir sobre a morte através do olhar de filósofos, historiadores, escritores, geneticistas é um deleite para a curiosidade e um convite à inquietação. Vamos a eles.

Atualmente, podemos observar alguns movimentos de revitalização do estoicismo. Segundo John Fitch, tem-se um revigoramento da filosofia de Sêneca associada aos nomes de Pierre Hadot, Michel Foucault e Martha Nussbaum. Segundo eles esta linha filosófica não está associada a uma especulação e um dogma, mas sim à tarefa prática de transformar e curar o self (FITCH, 2008, p. 5). Afirmam também que suas orientações práticas podem ter valor contemporâneo. Segundo Hadot, os exercícios morais e meditativos que formaram parte da filosofia foram adotados e ainda adaptados pelo cristianismo fazendo, então, que se tornassem parte deste, fugindo do âmbito da filosofia. Isto muda com o colapso das crenças religiosas, que deixam espaço novamente para a razão e a filosofia, modernamente, entre as pessoas instruídas. Este cenário multicultural e cosmopolita apresenta certa simetria com o mundo Romano de Sêneca ao permitir que os indivíduos procurem suas próprias respostas morais com menos pressão nacionalista e religiosa e a abordagem senequiana de tom mais leve e não dogmática volta a encontrar adesão. Para Sêneca a *meditatio mortis* era o mais nobre exercício a ser praticado diariamente. Ao longo de suas epístolas, ou cartas, ao pupilo Lucilio o pensador disserta e se aprofunda na importância do entendimento e consequente enfrentamento da morte.

Sêneca, Ariès: a morte na Antiguidade e na Contemporaneidade

As Cartas servem como *cotidiana meditatio*, ou seja, mediam um exercício diário, um ensaio para a vida. Com elas, promovendo-se esta meditação vai-se cultivando a sabedoria, numa progressão natural “da teoria para a prática e do ensaio a performance” (KER, 2009, p. 162). E a sequência de cartas como *cotidiana meditatio* é antes de mais nada uma importante forma de *meditatio mortis* (KER, 2009, p. 163).

A filosofia senequiana possui um caráter terapêutico, sempre partindo da razão para educar as emoções, convida a uma prática de evadir-se de “fúteis agitações” cotidianas e pensar no essencial, para que nossas memórias não nos causem assombro ou temor. Os principais exemplos no estoicismo são extraídos da natureza, do *Lógos Universal*, com o tema morte não poderia ser diferente. Assim como os animais e plantas, os seres humanos perecem,

mas devido a sua condição racional, devem procurar incessantemente o mais íntimo contato com a realidade do morrer, visto que ela é absolutamente pessoal e intransferível.

Além do refletir sobre sua própria morte, propõe-se a indagação sobre as manifestações e comportamentos das pessoas que a cercam, ou melhor dizendo, que convivem com quem falece. É na morte das pessoas que estamos ligados através do amor, que nos desfazemos como seres humanos. Segundo Simon Critchley no livro “The Book of the dead Philosophers”, é no descosturar do cuidadoso terno do self que vemos desfazer qualquer sentido que pudéssemos nos apegar. E por mais estranho que pareça, segundo sua visão, é no luto que nos tornamos mais verdadeiramente quem somos. É como se, partindo da desconstrução causada pelo luto pudéssemos tomar contato com nossa essência. Este autor valoriza a *meditatio mortis* mostrando uma perspectiva um tanto rica, de que a morte nos ensina não apenas conteúdos sobre a morte em si, mas ensina sobre nós próprios. E assim a morte ocupou e sempre ocupará espaço fundamental junto a humanidade, mesmo quando não desponta em debates abertos. Vejamos então o luto, tema inerente à morte, para saber como ele evoluiu ao longo do tempo em algumas culturas.

Após o século XIX, o luto que era mantido dentro dos limites da conveniência, com certo recato, já não é mais respeitado. Agora passa-se a uma exibição de formas excessivas e espontâneas de luto. Como Philippe Ariès (ARIÈS, 2012, p. 73) comenta: “O século XIX é a época dos lutos que o psicólogo de hoje chama de *histéricos* – e é verdade que, por vezes, toca os limites da loucura,...”. Este comportamento exagerado que se pode observar no século XIX carrega um sentido: “Os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro” (ARIÈS, 2012, p. 73-74). Este sentimento leva o homem contemporâneo a cultivar os túmulos e cemitérios, este fenômeno é reforçado por algumas características religiosas intrínsecas às sociedades atuais.

Assim como nos comportamentos, veem-se excessos barrocos na arquitetura funerária, como em templos e mausoléus, especialmente em países como Itália e França. Em alguns países, estes excessos são observáveis de forma mais moderada, como é o caso dos anglo-saxões.

Se é possível certa dose de especulação, no entendimento de Sêneca este comportamento demonstraria uma inteira falta de compreensão da natureza humana, que deve abranger, não apenas a aquiescência que beira a discrição a respeito da própria morte, mas também da morte de outrem. Para ele o tema luto também foi motivo de reflexão, tanto que algumas de suas mais belas obras tratam do tema. Em suas cartas, ou epístolas, o filósofo se

propõe a oferecer consolo a quem sofre do infortúnio da perda de um ente querido. Nas consolações a Hélvia ele trata do tema luto, de uma forma quase metafórica, pois consola sua própria mãe pelo infortúnio de sua partida para o exílio, é um luto sem morte causado pelo desterro do filho. Nas consolações a Políbios, embora este tenha de fato sofrido a perda de um irmão, o tema também é apresentado através da experiência de Sêneca no exílio. Nas consolações a Márcia consola uma mãe da aristocracia Romana que sofre a perda real de seu filho amado.

Diferentemente das consolações morais de Sêneca outras formas de aplacar a dor foram usadas ao longo dos tempos. Segundo Cleonice Furtado de Mendonça Van Raij: “A história revela-nos que os antigos gregos procuravam aplicar sobre as dores morais remédios puramente físicos” (RAIJ, 1999, p. 11-12). Em seu artigo menciona Homero que, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia*, relata as tentativas de atenuar as dores da alma com remédios, seriam eles acrescentados ao vinho ou mesmo ingeridos diretamente como os chás e o ópio. O café posteriormente também assume o papel de colaborar com o alívio das dores da alma. No caso específico do café “teve seus partidários, sendo, no século XVII, atribuídas a ele virtudes moralmente calmantes” (RAIJ, 1999, p. 12). Esta menção serve para comparar e para ilustrar que, nas consolações de Sêneca como em toda a sua obra, incluindo as cartas, ele acredita nas palavras como fonte de alívio da dor moral. Ele acredita no entendimento da dor e sobre tudo em aproximar o sofrimento individual das leis gerais da natureza.

Vimos como o homem procurou lidar com o seu luto, seguimos, então, observando como o homem procura lidar com seus mortos. Nos séculos mais recentes, presenciou-se uma ruptura entre as atitudes mentais em confronto com os mortos da Antiguidade e Idade Média, onde “os mortos eram confiados, ou antes abandonados à Igreja, e pouco importava o lugar exato de sua sepultura que na maior parte das vezes não era indicada nem por um monumento, nem mesmo por uma simples inscrição” (ARIÈS, 2012, p. 75-76). Não existia a visita melancólica a túmulos. A preocupação de localizar uma sepultura surge especialmente após o século XVII e se mantém até os dias de hoje, mas já com recentes mudanças. Estas mudanças recentes apontam para o crescimento da procura pelas cremações, como veremos a seguir.

A morte, em seu sentido mais amplo, pode agora servir não apenas a propósitos privados, como por exemplo, cultivar a lembrança de entes queridos, mas também a propósitos públicos. Os projetos de cemitérios a partir do século XVIII são organizados para visitas não exclusivamente familiares, mas para a visitação e memória de homens ilustres e heróis. Os mortos estão fora das cercanias das igrejas e templos, diferentemente do que ocorria como na Idade Média e Antiguidade, agora estão alocados em locais especificamente

destinados a recebê-los e passam a ser *signos vivos da perenidade da cidade*. Em outras palavras, se tornam símbolos a serviço da manutenção da cidade contemporânea. Os mortos, que servem ao culto público, muitas vezes servem ainda a fins políticos. O culto dos mortos é conveniente inclusive como forma de expressão de patriotismo. Este fenômeno é observável em inúmeras homenagens e cerimônias tanto militares quanto civis. Exemplo disto são os tão conhecidos túmulos de soldados desconhecidos, mortos em tempos de guerra sem que seus corpos tenham sido reconhecidos.

Avançando ainda mais na contemporaneidade temos que a morte quando não é tratada como interdito e, portanto, fora do lugar de obscuridade, pode ser usada nas diversas mídias como imagem a serviço de vários fins, tais como: denunciar atrocidades, pressionar ou manipular movimentos populares, incitar o medo e até fazer pressão religiosa. Não cabe aqui entrar em detalhes nestes pontos, mas o que interessa é destacar um distanciamento do que para um estoico como Sêneca, seria o esperado no que tange ao assunto encarar a morte: a forma direta e sempre em consonância com a natureza, sem politizá-la ou glamurizá-la.

Uma questão curiosa é a troca de lugar entre a sexualidade e a Morte como tabu maior entre os grupos sociais. Pode-se observar hoje que a sexualidade passa a ter papel de maior evidência do que a morte: “...uma característica significativa das sociedades mais industrializadas é que nelas a morte tomou o lugar da sexualidade como interdito maior” (ARIÈS, 2012, p. 270). O espaço que o sexo ocupava como assunto tabu passa a ser de posse da morte. A sexualidade parece ser tratada com mais realismo e abertura, já a morte segue sendo evitada e temida. A exposição de corpos nus não é mais problema é parte da banalização cotidiana que a mídia insiste em promover.

Mas se a morte ao longo do tempo vai sofrendo mudanças na forma de ser encarada, também o faz o local onde é recebida. Lev Tolstói em sua obra magistral “A Morte de Ivan Ilitch”, no século XIX, apresenta a morte se despedindo de seu acolhimento em casa. A narrativa central do livro é a solidão que Ivan sente diante de uma família e amigos que anseiam, ou pouco se importam com sua partida, já não se afetam com seu estado. Este descaso com a condição do doente em casa vai sendo transportado gradualmente, ao longo dos anos, para uma retirada do doente de casa. A obra parece mostrar a despedida de certo comportamento e antevê o que Philippe Ariès assevera: “Já não se morre mais em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital sozinho” (ARIÈS, 2012, p. 85). A morte está deslocada para fora do quarto do moribundo em sua residência. Tornou-se inconveniente morrer em casa. Pois se a casa não é local para morrer, o hospital também já não é mais necessariamente o local para buscar a cura, mas o local para se morrer.

Este importante fenômeno do deslocamento do lugar da morte passa a ocorrer de forma mais acelerada entre 1930 e 1950. Segundo ele: “A morte recuou e deixou a casa pelo hospital; está ausente do mundo familiar de cada dia. O homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu: ela se tornou selvagem e, apesar do aparato científico que a reveste, perturba mais o hospital, lugar de razão e técnica, que o quarto da casa, lugar dos hábitos e da vida cotidiana” (ARIÈS, 2012, p. 269). O médico de família, assim como o padre eram antes assistentes do moribundo. O clínico geral substituiu-os, mas já de uma forma um tanto mais afastada.

Parece haver um esfacelamento da morte em vários aspectos. Além do problema do afastamento das pessoas, sejam médicos, amigos ou familiares temos ainda um fracionamento da morte em si. Segundo Ariès: “A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração. Todas estas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte” (ARIÈS, 2012, p. 86). Desta forma ela se dilui e perde seus contornos.

É bem certo que Sêneca não estaria de comum acordo com este distanciamento da naturalidade da morte. Ela agora se cerca de toda a moderna parafernália técnica que está a serviço de estendê-la ou abreviá-la. A morte, agora, segue um curso que não é o seu, é ditado por outrem, sua chegada pode ser determinada por quem é alheio ao ato de morrer.

O *post mortem* também sofreu profundas transformações, pois “uma vez esvaziada a morte, não há mais razão para visitar seu túmulo” (ARIÈS, 2012, p. 87). Em muitos países a entrada da prática da cremação é maciça, como na Inglaterra, por exemplo. Essa passa a ser a forma dominante de sepultamento. Ela é radical no que diz respeito a fazer sumir quaisquer partes do corpo, excluindo assim, por completo a prática da peregrinação.

Nos dias de hoje, mesmo com todo e qualquer resíduo da pessoa sendo varrida da face da terra a *meditatio mortis* não perde seu valor e sua importância. É maior que a destinação que se dá a restos mortais ou a objetos pessoais que possam ser legados a amigos e parentes. Ela é o verdadeiro legado, exercício universal, comum a todas as culturas nos mais remotos locais do planeta.

Na obra de Ariès (ARIÈS, 2012, p. 266) é citada a passagem: “Estão privando-me da minha morte”, frase pronunciada pelo padre jesuíta François de Daiville quando de sua morte. Aponta uma inconformação da pessoa com o destino de sua doença e sua direção necessária, a morte. Mostra um esvaziamento do poder de decisão por parte da pessoa que sofre a doença ou que encaminha-se para seu fim. Parece-nos um tanto oportuna esta colocação pelo

contraste que apresenta com relação às cartas de Sêneca onde realça a importância da escolha individual. Ele ressalva que devemos questionar a validade de prolongar a vida, ou mesmo, o processo de morrer, como veremos na passagem: Entenda-se: desde que a inteligência não sofra diminuição, que os sentidos sirvam o espírito intacto e que o corpo não esteja diminuído e já meio morto, porquanto é da maior importância saber se o que se prolonga é a vida ou é a morte. (Ep. 58.33).

Seu entendimento segue no sentido de legitimar o homem para suas decisões. Faz isso encorajando-o com argumentos de objetividade aguçada. Parece-nos que na atualidade alguns avanços neste sentido têm sido conquistados. Talvez o pensamento de Sêneca ecoe em decisões que lentamente amadurecem nos dias de hoje.

Em um atual cenário, que discorre sobre as decisões a respeito da morte, temos estudos que abrem discussões sobre as condutas disponíveis. Não há consenso, a medicina e o direito tentam promover uma acomodação onde o próprio ser humano não consegue a unanimidade. Têm-se algumas diretrizes disponíveis atualmente, com elas os pacientes terminais são submetidos a três grupos de práticas, frente à morte. Podemos dividi-las em: eutanásia, distanásia, e ortotanásia. A eutanásia consiste no ato de facultar a morte sem sofrimento a um indivíduo. Ela pode ser dividida comumente entre eutanásia passiva e eutanásia ativa. Na ativa o indivíduo é levado à morte, visando o seu próprio bem, enquanto na passiva deixa-se o indivíduo morrer conforme sua vontade, não se praticando qualquer ação que prolongue a vida. Segundo Jeff McMahan:

A eutanásia é não voluntária, quando não é possível que o indivíduo que é morto, ou que é autorizado a morrer, dê ou recuse o seu consentimento... Dizemos que é involuntária quando um indivíduo que é competente para dar ou para recusar o seu consentimento é morto, ou é autorizado a morrer, de maneira contrária à sua vontade expressa, ou nos casos em que o seu consentimento não tiver sido solicitado. (McMAHAN, 2002, p. 479)

A distanásia consiste em estender a vida do paciente mediante a utilização de fármacos e aparelhagens que, em muitos casos podem trazer sofrimento desnecessário. E por fim, a ortotanásia seria, então, simplificada falando, o meio-termo entre esses dois procedimentos. Ela seria a morte no momento certo (*orto*: certo; *thanatos*: morte) – nem antes, como ocorre no caso da eutanásia; nem através de um adiamento, como na distanásia. Evidentemente a ortotanásia seria a prática que mais aproxima-se do ideal estoico, mas como já vimos o suicídio e algumas formas de eutanásia seriam também perfeitamente aceitáveis, visto que são formas de respeito à vontade expressa pelo paciente terminal. Como já referido anteriormente, nosso objetivo aqui não é tratar do assunto bioética e, portanto, não há interesse em esmiuçar as distinções entre as posições supra mencionadas. Nosso objetivo é o

de aproximar e talvez desmistificar, ao estilo de nosso filósofo Sêneca o entendimento da morte, fazendo o exercício de recebê-la de forma ética e descomplicada.

Temer a morte, no caso de pacientes terminais prejudicaria em muito a frágil qualidade de vida dos que se encontram nesta situação. Nestas situações os ensinamentos de Sêneca e dos estoicos em geral servem para apoiar uma maior aceitação e entendimento da morte não apenas para o paciente, mas também para as suas famílias. Lembrar que não se necessita manter a vida a qualquer custo como diria Sêneca, mas apenas o tanto que for necessário preservando sempre a dignidade de quem padece e ajudando no desprendimento sereno da vida.

Dentro de uma perspectiva histórica, essa discussão se encontra ainda em fase inicial, muito ainda deve ser proposto e avaliado. Os estudiosos de Direito procuram responder a estas questões, claro que sempre com certo atraso, visto que as necessidades e as mudanças surgem e as leis posteriormente se adaptam para acomodar os desejos da sociedade. Alguns instrumentos têm sido utilizados em vários cantos do mundo para responder as questões da eutanásia, distanásia e ortotanásia. São instrumentos que deixam clara a vontade de quem pode, eventualmente, não estar de plena posse de suas funções cognitivas no futuro, e quer que sua vontade seja seguida por familiares ou amigos. As disposições podem tratar, por exemplo, de local para serem depositados restos mortais, não autorização de práticas médicas que impliquem prolongamento da vida, proibição de amputações de membros, além de centenas de outras decisões. No Brasil chama-se Diretivas Antecipadas da Vontade; na Espanha, Testamento Vivo; nos países de origem anglo-saxônica, Living Will. Mas as nomenclaturas não param por aí. Inúmeras diferenças e composições são encontradas, muito ainda se debate sobre o assunto, muito há que se pensar e muitas mudanças ainda virão.

Importante ressaltar que diversas nações procuram acomodar entre as religiões, comportamentos sociais e políticos uma forma que responda a estas questões. É certo que fortes pressões de caráter religioso orientam a aceitação ou não destas práticas, geralmente de ordem dogmática. Não cabe aqui um aprofundamento nestes aspectos, mas o que é certo é que por serem de ordem dogmática, seguindo determinações de esferas eclesiásticas mais altas, tornam-se referência para quem segue alguma religião, e assim estas escolhas deixam de ser de natureza pessoal, o que está em dissonância com o que Sêneca assevera.

Aqui encontra-se precisamente uma grande questão a ser resolvida no futuro, observando-se a menção de Sêneca: a ordem social e política não deve se sobrepor às decisões pessoais ou à ordem da Natureza. Estas decisões pessoais talvez não possam se sobrepor a ordem social e política no que tange a aniquilação humana. Exemplificando, as decisões

personais podem ser tomadas, no que se refere à morte da própria pessoa, desde que não interfira na sobrevivência alheia. Neste caso o indivíduo poderia legislar sobre a própria vida sem a interferência de esferas sociais e políticas, mas, se as decisões individuais afetarem outras vidas, neste caso, as esferas sociais e políticas talvez devam necessariamente interferir. Esta é a linha de pensamento de alguns filósofos dentre eles o alemão Hans Jonas. Quando as escolhas pessoais impactam negativamente a vida alheia ela deve ser repensada, sob pena de prejudicar não apenas as vidas imediatamente implicadas, mas as gerações futuras. Assim a perspectiva de morte se amplia ainda mais, passando das mortes contemporâneas e suas implicações para as mortes futuras. Faz-se então necessário um novo olhar para o tema. Se a morte em seu sentido vertical, ou seja, pertinente à própria pessoa já é tema deveras difícil de ser encarado, tome-se então a morte horizontal, ampliada, planetária e futura. Esta sim representa uma dificuldade de entendimento exponenciada.

Conclusão

O que se pode estabelecer é a utilização da gênese do pensamento senequiano para alcançar e avançar com as ideias de Jonas. Se em Sêneca o homem tem o direito e dever de vislumbrar **sua própria morte** com o máximo de objetividade e rigor, no cenário que Jonas propõe, o homem tem o direito e o dever de vislumbrar **a possibilidade da morte da humanidade** com o máximo de objetividade e crueza. Aqui os horizontes se ampliam não apenas territorialmente, mas temporalmente. Sua proposta é pensar a morte e suas implicações para as gerações futuras. Segundo Jonas: ... “A natureza não era objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si mesma e, com a persuasão e insistência necessárias, também tomava conta do homem: diante dela eram úteis a inteligência e a inventividade, não a ética” (JONAS, 2006, p. 33-34). Essa ética no pensar a natureza, a utilização da natureza pelo homem e seu possível exaurimento está íntima e indissociavelmente ligada ao pensar sobre a Morte. Em outras palavras, se a natureza é a fonte de vida no planeta ela também é, em seu extremo oposto o caminho para a morte, ou aniquilação.

A trajetória do homem mostra uma visão bastante individualista da morte, como vimos acima nos exemplos mencionados. Nas escolhas que o homem historicamente faz a respeito da morte, leva em consideração apenas detalhes muito próximos de sua realidade, o que envolve local onde vive e horizonte temporal bastante abreviado. Já é tempo de ampliar o horizonte, do tema Morte, para gerações futuras e escala planetária.

Referências

Primária

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**: texto integral. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AUBENQUE, Pierre; BERNHARDT, Jean; CHÂTELET, François. **A filosofia pagã**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BRAREN, Ingeborg. Porquê Sêneca escreveu espístolas? **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 3, p. 39-44, 1999.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo grego**. 1ª ed. Belo Horizonte-São Paulo: Autêntica Editora LTDA., 2012.

BRUN, Jean. **Os pré-socráticos**. 1ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1968.

_____. **O estoicismo**. 1ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.

DAMSCHEIN, Gregor; HEIL, Andreas. **Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist**. Glasgow, Escócia, 1969. In: SETAIOLI, Aldo. *Epistulae Morales*.

FITCH, John G. **Oxford Readings in Classical Studies - Seneca**. 1ª ed. England: Oxford University Press, 2008.

GAZOLLA, Raquel. **O ofício do filósofo estóico**: o duplo registro do discurso da Stoa. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

INWOOD, Brad. **Reading Seneca: stoic philosophy at Rome**. 1ª ed. England: Clarendon Press, Oxford, 2005.

_____. **Os estóicos**. 1ª ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental**. 2ª ed. Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KER, James. **The deaths of Seneca**. 1ª ed. USA, New York: Oxford University Press, 2009.

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2ª ed. Brasília: Editora UnB, 1987.

LOHNER, José Eduardo. **Sêneca**: sobre a ira e sobre a tranquilidade da alma. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LONG, Anthony A. **La filosofía helenística**: estoicos, epicúreos, escépticos. 1ª ed. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1984.

McMAHAN, Jeff. **A ética no ato de matar**: problemas às margens da vida. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Luizir de. **Sêneca, a vida na obra**: uma introdução à noção de vontade nas Epístolas a Lucílio. São Paulo: PUC, 1998.

RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça Van. A filosofia da dor nas consolações de Sêneca. **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 3, p. 11-21, 1999.

SÉNECA, Lucio Anneo. **Cartas Morales a Lucílio**. 1ª ed. Espanha, Barcelona: Editorial Iberia, 1955. Traducción directa del latín y unas notas prologales por Jaime Bofill Y Ferro.

SÉNECA. **Sêneca: cartas a Lucílio**. 4ª ed. Espanha, Barcelona: Editorial Juventud, 2012. Traducción literal del latín por Vicente López Soto.

SÉNECA, Lúcio Aneu. **Cartas à Lucílio**. 5ª ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos.

TASCA, Mariana G. **A Boa Morte nas Cartas a Lucílio de Sêneca**. 2015. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia. São Paulo: PUC, 2015.

VALS, Alvaro L. M. **Da ética à bioética**. 1ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 3ª ed. São Paulo: Difel - Difusão Editorial S.A., 1981.

Canadá, Primavera de 2020.